

## FLAUTA DE LUZ • BOLETIM DE TOPOGRAFIA

Nº 5 • Abril de 2018 • [flautadeluz1@gmail.com](mailto:flautadeluz1@gmail.com)

Painel da Antiqueira, 39 • Vargem

7300-430 Portalegre (Portugal)

Anjo tutelar: Joëlle Ghazarian

Editor e coordenador: Júlio Henriques

Design gráfico e paginação: Gonçalo Mota

Ilustrações: Adbusters, Agustín Víctor Casasola, Alec Dempster, Álvaro Nogueira, Ana Tomás, André Santos, Bobby Stevenson, Bruno Borges, Claudia Andujar, Cristina Cautela, Edward S. Curtis, Gord Hill, Gertrude Käsebier, Imme van den Berg, Jens, Joan Villaplana, José Guadalupe Posada, Maria Ramalho, Miguel Brieua, Miguel Carneiro, Rosa Gauditano, Ruca Bourbon, Tiago Mourato

Na capa: pintura de Miguel Carneiro

Na contracapa: pintura de Teresa S. Cabral

Tradução (salvo outra indicação): Júlio Henriques

Impressão e acabamentos: Tipografia Lousanense, Lousã

Distribuição: Antígona

Rua Silva Carvalho, 152-2º

1250-257 Lisboa

Telefone (+351) 213 244 170

[info@antigona.pt](mailto:info@antigona.pt)

ISBN: 2183-9946

Depósito Legal: 423603/17



Desenho André Santos

Eduardo Viveiros de Castro	<b>14</b>	<i>Os involuntários da pátria</i>
Ailton Krenak	<b>19</b>	<i>Do Sonho e da Terra</i>
Eliane Potiguara	<b>26</b>	<i>Brasil</i>
Felipe Miláñez	<b>27</b>	<i>A vida contra a ordem genocida</i>
Daniel Munduruku	<b>33</b>	<i>Escrita indígena: registro, oralidade e literatura, seguido de A milenar arte de educar dos povos indígenas</i>
Survival International	<b>37</b>	<i>O mais longo genocídio - Introdução à história dos povos indígenas no Brasil</i>
JH	<b>46</b>	<i>O martírio dos guarani-kaiowá</i>
Debra Harris	<b>48</b>	<i>Invasão da alta tecnologia: o biocolonialismo</i>
Georges Lapierre	<b>57</b>	<i>O Votán Zapata</i>
Pedro García Olivo	<b>63</b>	<i>Porque chora o milho</i>
FG e JH	<b>68</b>	<i>Para uma antologia da poesia ameríndia contemporânea</i>
Fernando Gonçalves	<b>80</b>	<i>«Por amor ao povo, por amor à terra»: a geografia do sacrifício e do desapossamento na poesia de Simon J. Ortiz</i>
Joëlle Ghazarian	<b>92</b>	<i>Um acontecimento literário e filosófico: A Queda do Céu, autobiografia do xamã yanomami Davi Kopenawa</i>
Francis Dupuis-Déri e Benjamin Pillet	<b>107</b>	<i>Anarco-indigenismo</i>
H. D. Thoreau	<b>119</b>	<i>Quem de dia dorme e de noite anda a pé: Três poemas</i>
Macedonio Fernández	<b>120</b>	<i>O bobo inteligente</i>
Jorge Leandro Rosa	<b>123</b>	<i>A exorbitância do político na sociedade industrial, seguido de 200 anos de resistência à sociedade industrial</i>
Álvaro Fonseca	<b>136</b>	<i>O sinistro mundo novo da utopia tecnocientífica</i>
Antônio Cândido Franco	<b>143</b>	<i>A «arte bruta» de Afonso Cautela</i>
David Watson	<b>149</b>	<i>Depois do cataclismo &amp; O naufrágio da Medusa</i>

Ana Cardoso Pires	<b>151</b>	<i>Boa Fé, o reality show do ouro</i>
Quim Sirera	<b>159</b>	<i>Agarrados</i>
Pedro Fidalgo	<b>161</b>	<i>ZAD   Zona a Defender: A população contra os decisores</i>
Agustín García Calvo	<b>185</b>	<i>Turismo</i>
Paulo Ramalho	<b>186</b>	<i>O barco-chamado-mundo</i>
John Zerzan	<b>190</b>	<i>Os ludditas e os seus herdeiros</i>
Jesús Sepúlveda	<b>206</b>	<i>Como um manicómio de vozes</i>
Dilar Dirik	<b>213</b>	<i>Feminismo e movimento curdo de libertação em Rojava</i>
Ana Tomás	<b>221</b>	<i>Séances: discurso sobre o invisível no vale do Swat, noroeste do Paquistão</i>
Anselm Jappe	<b>226</b>	<i>Emancipação ou barbárie, entrevista de Alastair Hemmens</i>
Grupo Oblomof	<b>241</b>	<i>Uma crítica radical da tecnociência</i>
Jorge Leandro Rosa	<b>247</b>	<i>E o teu epílogo à sociedade industrial, Illich?</i>
Paulo Barreiros	<b>252</b>	<i>«Planeta Azul»   Um ilusionismo eficaz: a conquista espacial</i>
Julio Cortázar	<b>265</b>	<i>O Tesouro da Juventude</i>
Maria de Magalhães Ramalho	<b>267</b>	<i>A deriva na Internacional Letrista: para uma crítica radical do urbanismo</i>
JH	<b>283</b>	<i>Ginsengue</i>
Phil Mailer	<b>285</b>	<i>O Brexit, a pérfida Albion e a necessária destruição da Europa capitalista</i>
Emanuel Cameira	<b>292</b>	<i>Matéria-Prima</i>
Ana Marques	<b>294</b>	<i>Cibernética e linguagem</i>



# A “ARTE BRUTA” DE AFONSO CAUTELA

António Cândido Franco

**A**fonso Cautela, um histórico das lutas ecológicas em Portugal, publicou na sua juventude uma curtíssima obra poética, *Espaço mortal* (1960) e *O nariz* (1961). Originário do Baixo Alentejo, o autor marcou já então o seu interesse pelas letras, criando no meado da década de 50, quase ainda adolescente (nasceu em 1933), um suplemento literário, “Ângulo”, integrado no jornal *A plantície*, de Moura, que veio a ter uma repercussão e uma audiência inesperadas no domínio da crítica, na atenção dos mais novos e até no apoio e no reconhecimento dos mais velhos.

Na sequência, Cautela criou *Zero – cadernos de convívio, crítica e controvérsia*, de que saíram dois números (1958). De excelente linha, os opúsculos, talvez com antecedentes nos dois cadernos *Contraponto* que Luiz Pacheco publicara em 1950 e 52, revelam uma vocação crítica

de grande firmeza e são por certo uma das melhores expressões, se não a mais vincada, das inquietações da juventude portuguesa da década de 50, das mais ricas do século XX português, marcada pela decepção gelada da Guerra Fria, pela hipocrisia feroz da ditadura interna mas também pela campanha de Humberto Delgado na Primavera de 1958 e por formas novas de rebeldia. Foi uma parte dessa geração, a do Café Gelo, que herdou e desenvolveu o legado da primeira geração surrealista – a de António Maria Lisboa, Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas e outros. “Geração da gaveta” – assim baptizou então Afonso Cautela os que atingiram os 20 anos na década de 50 do século XX.

Assinou no primeiro dos cadernos um incisivo e clarividente estudo, “A falência do neo-realismo”, que mereceu simpatia forte de Mário Cesariny, que o escolheu para abrir a colectânea *Surrealismo Abjeccionismo* (1963). Percebe-se nele como o neo-realismo português – enquanto rebelião e combate e não como literatura artística – estava para uma parte desta geração esgotado e condenado a não ter saída. Ao invés, o surrealismo, que ganhara na geração anterior algum favor, aparecia-lhes como uma estrada larga e promissora que estava apenas no momento inicial dos seus trabalhos.

Sem que o autor nada tivesse feito para isso, a não ser consentir, saiu recentemente novo livro seu de versos, *Campa rasa e outros poemas* (2011), com uma sequência de poemas feita já no século XXI e cuja organização e edição se deveu ao poeta e editor José Carlos Costa Marques, também ele um histórico do ecologismo em Portugal, editor duma originalíssima revista chamada *Urtiga*, a única capaz de pedir meças na década de 70 à revista *Raiz & Utopia*, e hoje editor dos cadernos poéticos *DiVersos – poesia e tradução*.

O mesmo José Carlos Costa Marques orga-

nizou agora, em idênticas condições, já que o autor aos 85 anos está vivo mas desinteressado de todo da vida literária, a obra poética de Afonso Cautela, *Lama e Alvorada – poesia reunida 1953-2015*, cujo primeiro volume, com 560 páginas, constituído por “inéditos e dispersos”, surgiu em 2017 (Afrontamento, colecção “Obscuro Domínio”). Está previsto para o presente ano de 2018 um segundo volume com a republicação sem variações dos três livros do autor, com exclusão dos “outros poemas” de *Campa Rasa*, incluídos no presente volume a título de dispersos. O organizador dos dois tomos assevera que só a inércia da crítica, presa sempre às pequenas circunstâncias do momento, que fazem a sua crónica desatenção, justificam que uma parcela tão vasta e significativa da poesia do autor tivesse permanecido inédita tantos anos e que os dois primeiros livros não tivessem obtido a merecida recepção no seu tempo, caindo num injusto olvido.

É minha convicção que esta poesia deveria figurar entre o que de melhor se escreveu na poesia portuguesa nesse período, em especial na década 1955-65 – diz Costa Marques no prólogo que escreve ao tomo ora editado. É um juízo arriscado, já que a década é das mais expressivas do século XX português, com as estreias de Herberto Helder, Manuel de Castro, Ernesto Sampaio, António José Forte e Luiza Neto Jorge, todos com passagem no Café Gelo, a que podemos e devemos juntar Fernando Grade, que se estreou em 1962 com *Sangria*, mas que subscrevemos sem grande incómodo. Estamos ante uma acção poética pessoal e vigorosa, de amplo alcance, que é de toda a justiça recuperar e trazer crítica e publicamente até ao presente, para daqui ir para o futuro.

Afonso Cautela, sendo um poeta que se desinteressou muito cedo da publicação dos seus versos, já que tinha apenas 28 anos



quando deu a lume o seu derradeiro livro, nunca parece ter deixado de atribuir um alto significado ao facto de escrever versos, como ora se vê pela quantidade de inéditos publicados e que fazem parte das caixas do seu espólio entregue à Torre do Tombo. Os poemas ora recuperados são cerca de 260, quase todos inéditos, e mostram alguém que se preocupou em conservar a sua criação poética, mesmo escrevendo-a só para si e fora de qualquer preocupação de reconhecimento e de edição.

A maioria destes poemas, cerca de 190, incide nos anos que vão de 1956 a 1965, ficando os restantes, na ordem das sete dezenas, para os anos que vão de 1953 a 1955 e de 1966 a 1991, esta última a mais magra, com escasas dezenas de poemas para o vasto arco de 25 anos. A década que vai de 1956 a 1965, como bem viu o editor, é decisiva, quer pelo número de inéditos, quer pelo seu interesse. Período crucial, nele se abandonam as formas incaracterísticas da adolescência, que marcaram os poemas dos dois primeiros anos, e nele se forma a maturidade do poeta, o seu estilo único e inconfundível, posto que neste caso, tão singular pelas condições de privacidade que viu nascer grande parte da obra, esse estilo não exista para se mostrar.

Expliquemo-nos. Há poetas que escrevem para publicar em livro. Têm de passar todos os anos o exame do público e da crítica. São poetas esforçados, que se obrigam a prestar provas do seu talento – o estilo existe aí para dar notícia de si. Há depois os poetas que escrevem e não publicam. Dentro desta categoria há duas classes: os que de momento não publicam mas aguardam a publicação a médio ou longo termo e os que de todo afastam do seu horizonte a possibilidade de editar em livro. Cautela faz parte desta segunda categoria, a única que de verdade escreve para não publicar.

Um poeta com estas características só acidentalmente verá a sua obra publicada. Foi o que aconteceu neste caso a partir da consulta e do tratamento dum espólio por uma segunda pessoa, José Carlos Costa Marques. Um poeta que escreve só para si encara a poesia sob forma de diário; escreve versos como quem escreve páginas íntimas e intransmissíveis. Não pretende fazer prova de talento, submeter-se ao crivo da crítica, ganhar público e cativar vendas, fazer fila para entrar na história da poesia do seu país. Tudo o que pretende é dialogar a sós consigo. Na verdade, nem sequer encara o que escreve sob a rubrica do que se convencionou chamar poesia. Afonso Cautela chega por esse motivo a afirmar e várias vezes que “aos meus diários nunca chamei poemas”. Os seus versos não são poemas mas anotações privadas.

No caso de Cautela, como de resto no de qualquer outro poeta que escreva apenas por necessidade interior, sem interesse ou vontade em dar a conhecer os seus versos, o cuidado artístico da composição é menos intenso do que nos poetas que escrevem para o público. Estes poetas, os que escrevem para publicar livros, temerosos sempre da crítica e da avaliação pública, têm a selecção, a reescrita, o trabalho e o tricot por regra. É a dimensão “artística” que se impõe como a primeira das obrigações, pois é essa que em geral é avaliada criticamente. Os poetas que escrevem só para si apostam tudo no impulso do momento, livres que estão de juízos estéticos exteriores. São por isso muito menos “artísticos” e muito mais autênticos. Isto não quer dizer que estes poetas não possam ter um estilo seu e até cuidado; quer dizer tão-só que esse estilo surge de forma espontânea e não repetitiva.

O autor de *Espaço mortal*, não obstante o desinteresse em publicar livros desde 1961, tem um estilo próprio e inconfundível. Só

que esse estilo não existe para se exhibir nem para ser explorado e repetido pelo próprio até ao infinito; irrompe sem preocupações de se mostrar e de chamar a atenção. É um estilo que não se dá a ver. Um pássaro canta não para se fazer ouvir mas por uma necessidade íntima de cantar; o sol declina no céu não para ser contemplado como pôr de sol mas por uma energia que lhe é ingénita. Assim o estilo de Afonso Cautela. É autêntico mas também cego para tudo o que é exterior.

Dadas as condições em que escreveu – recorde-se que só por um acidente chamado José Carlos Costa Marques a sua poesia, esta que aqui recenseamos, chegou até nós –, Cautela é um poeta com menor preocupação antológica e artística do que os poetas que escrevem para publicar livros todos os anos. É por esse motivo que tudo nele parece brotar dum vulcão e viver em estado bruto. Se há poesia selvagem, em que se sente a ausência de qualquer estratégia de afirmação literária, é esta. Trata-se dum documento raro e que merece desde já a melhor atenção, pois não é vulgar encontrar uma obra feita em condições de tanta verdade – e por verdade entendemos aqui a necessidade de escrever fora da estratégia editorial do livro e da promoção do nome do autor.

É uma obra que pode ser incluída naquela categoria da “arte bruta”, noção criada por Jean Dubuffet para mostrar que a “arte” pertencia mais aos marginalizados do sistema artístico, os loucos, as crianças, os *naifs*, os analfabetos, os esquecidos, do que aos artistas reconhecidos, patenteados como tal. É a arte pura, em estado natural, tal como brota do instinto, contra a indústria cultural – as suas modas e orientações, o seu gosto e imposições de comércio e ideologia. Foi isso mesmo que Mário Cesariny quis dizer quando fez valer, a propósito do poeta Raul de Carvalho, porventura o antecedente directo de Afonso

Cautela, que “é dos grandes poetas poderem e talvez deverem publicar versos muitíssimo chatos”. Fazer bonito e bem feito não chega para tocar o céu e a terra da poesia!

É por isso que certos poemas de Afonso Cautela mostram um timbre de voz, uma força de revolta, uma exaltação verbal que raramente os poetas trabalhados alcançam. Quando cintila, o oiro ofusca tanto ou mais nos poemas de Afonso Cautela que no pelotão dos poetas que na sua época se esforçaram por publicar. “Crucificado num chapéu-de-chuva”, de Dezembro de 1955, “Hors-texte”, de Maio de 1956, “Carta de um condenado à morte aos seus queridos carcereiros”, de Julho de 1961, “Para compreender o perfil de Fernando Pessoa”, de Janeiro de 1963, “Peripatético”, de Junho de 1963, ou “Cadáver esquisito com o tema da morte”, de Setembro de 1964, são poemas que só encontram termo de comparação no mais exaltante que a poesia portuguesa dessa época deu. Cito a título de exemplo – e de homenagem – o sexto fragmento do poema “O Pavilhão dos Internados – diário do hospício de Rodez”, escrito em Tavira, em 24 Março de 1961, por um outro António Gancho em pleno domínio dos seus loucos e ébrios poderes.

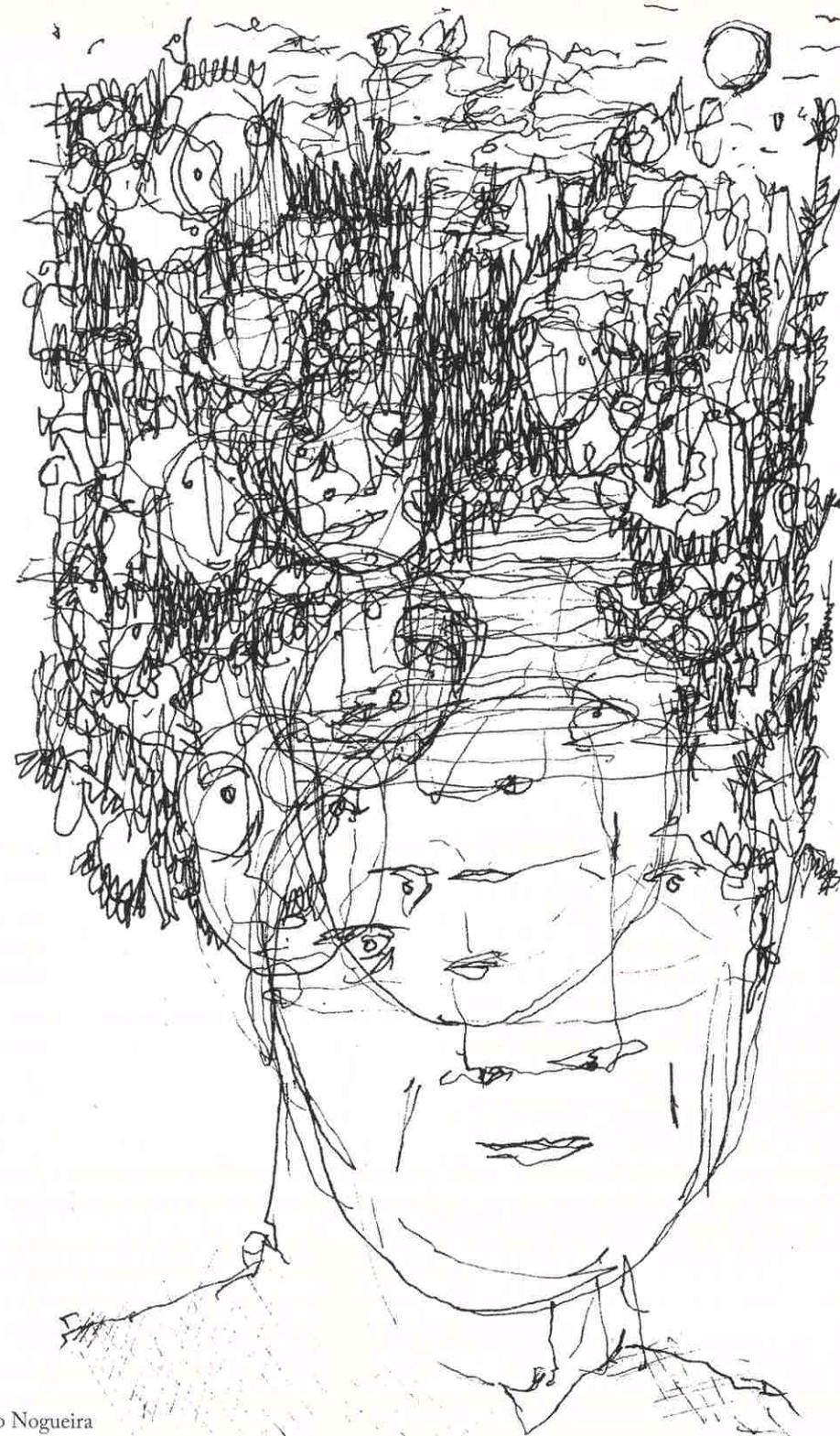
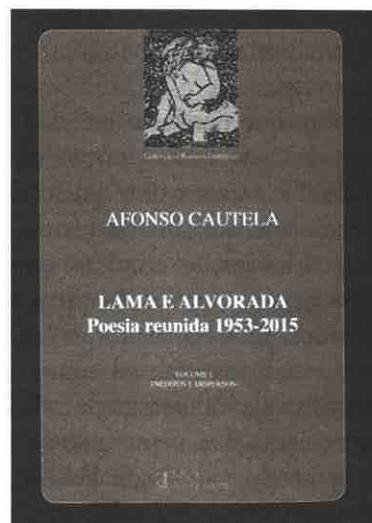
*Oh meus irmãos de hospital  
alienados  
párias  
suicidas  
últimos descendentes das estrelas diurnas  
corruptores de bispos  
autores da Contra Reforma  
incendiários da Renascença  
Incas poderosos  
Generosos discípulos de Hermes  
Oh! revoltosos e heróis  
lúcidos encarcerados da vida  
andróginos apaixonados  
destilando a Lua num travesseiro Sujo*

*Oh! Bíblicos profetas da Origem*  
*Brama e Beethoven*  
*Buda e Brecht*  
*Oh! Condenados à Esperança*  
*Chaplin e Camus*  
*Confúcio e Cântico dos Cânticos (autor anónimo)*  
*Cristo e Curie*  
*Oh! Danados de um Fausto imortal*  
*Darwin*  
*Einstein*  
*S. Francisco de Assis colhendo fioretti*  
*Cagliostro e S. Paulo*  
*Joana D'arc e D. Juan*

Na “Pequena história cronometrada dos dá-dás e surrealistas de cá”, Pedro Oom inseriu 12 nomes – um é o de Afonso Cautela. Não podemos estar mais de acordo. Só nessa margem da segunda metade do século XX português que se chama surrealismo, a obra de Afonso Cautela ganha corpo e afinidades – só nela pode ser compreendida. Nunca como aqui, porém, uma obra esteve tão longe de ser uma criação de escola. Um poeta com as características de Cautela, um poeta da “arte bruta”, em que o magma interior está sempre a ferver, nunca chegando a cristalizar, segue-se a si mesmo; não está em situação de seguir qualquer escola. Era-lhe impossível “imitar” o surrealismo, como por exemplo um António Pedro imitou. O surrealismo no seu caso é apenas um foco de luz exterior que ilumina a liberdade e o desinteresse artístico com que o poeta criou – e nunca se esqueça como isso nos chegou de forma involuntária, através dum acidente chamado Costa Marques – uma poesia tosca, não civilizada, despida de presunção literária, que pode ser tida como uma das mais obscuras obras do anti-cânone da poesia portuguesa da segunda metade do século XX – uma daquelas que pela natureza “bruta” e desalinhada, feita por uma necessidade vital e não para ficar bonita

na forma, parece estar destinada a nunca vir a beneficiar de fortuna crítica e de prestígio cultural.

Talvez um dia seja possível antologiar muitas destas obras do anti-cânone poético. É possível até que seja essa uma das mais interessantes antologias que se possa fazer da poesia portuguesa do século XX. Por agora, e não obstante a autenticidade da sua força, a veemência da sua expressão, este primeiro volume da obra poética de Afonso Cautela passará com certeza ao lado dos agentes do actual sistema literário, o que não é um mal, dado o estado lastimável em que ele se encontra, e é além disso aquilo que o autor desejaria para si e para a sua poesia – ele que, tirando duas breves excepções, se recusou a publicar livros de poesia e gritou bem alto o seu programa, que de resto seguiu à letra, num poema de 1957, só agora dado a lume: “**NÃO PERTENCER NUNCA À DINASTIA DOS VENCEDORES**”.



Desenho de Álvaro Nogueira